VIAS DE DESENVOLVIMENTO LENINISTAS COMO TEORIA E COMO MÉTODO

Leonardo Mosimann Estrella¹

José Messias Bastos²

Resumo

Na ausência de uma categoria teórica adequada torna-se inviável compreender a complexidade e a particularidade dos processos de transição dos modos de produção evidenciados nos Estados-nação ao longo da história. Logo, o presente estudo apresenta um caminho teórico-metodológico considerado como suficiente para compreender as vias de desenvolvimento nas diversas escalas, ou seja, as relações institucionais formadas nos processos de transição estabelecidas entre as nações e as regiões. Para responder à essa problemática, aplicou-se o pensamento leninista que, avançado por meio do pensamento e estudos de Marx, desvenda como o processo de constituição do capitalismo, em suas variadas formas se comportou na historiografia mundial. O resultado do estudo demonstra que as vias de desenvolvimento definidas e aplicadas por Lenin são adequadas, necessárias, suficientes e prevalentes para serem aplicadas quando se busca a compreensão das diversas transições tanto em Estados-nação capitalistas como, também, nos modelos que estão em constituição de novos modos de produção com caráter socialista como apresentado nos casos da China, do Brasil e do estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: Modos de Produção; Vias de Desenvolvimento; Capitalismo; Socialismo.

LENINIST DEVELOPMENT PATHS-WAY AS THEORY AND METHOD

Abstract

In the absence of an appropriate theoretical category, it becomes impossible to understand the complexity and particularity of the transition processes of the modes of production that have taken place in nation-states throughout history. Therefore, this study presents a theoretical-methodological approach that is considered sufficient to understand the paths of development at different scales, in other words, the institutional relationships formed in the transition processes established between nations and

¹ Bacharel em Administração e graduando em Ciências Econômicas pela UFSC. Possui especialização em Gestão Estratégica de Pessoas, Gerenciamento de Crises, Gestão da Comunicação Pública e Marketing para Gestão Empresarial. Mestre e doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela UDESC. Professor de Administração e Coordenador do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Observatório de Gás Natural da Vision Gas – leo@visiongas.org.

² Professor Titular do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. Possui graduação (1980) e mestrado (1996) em Geografia pela UFSC e doutorado em Geografia pela USP (2002). Editor-chefe do periódico “Cadernos Geográficos” e da série “Livros Geográficos”. Coordena o Instituto Ignacio Rangel e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais da UFSC - j.bastos@ufsc.br.

regions. To answer this question, Leninist thought was applied, which, advanced through the thought and studies of Marx, reveals how the process of constituting capitalism, in its various forms, behaved in world historiography. The results of the study show that the paths of development defined and applied by Lenin are appropriate, necessary, sufficient and prevalent to be applied when seeking to understand the various transitions both in capitalist nation-states and also in models that are constituting new modes of production with a socialist character, as presented in the cases of China, Brazil and the state of Santa Catarina.

Keywords: Production Modes; Development Paths; Capitalism; Socialism.

1 Introdução

O método de pesquisa assume a perspectiva sobre a teoria marxista adotada por Lenin (1947; 1980; 1982), na forma como o autor interpreta a dinâmica da relação império-colônia e os processos de transição dos modos de produção. Trata-se de análise teórica-empírica acerca das vias de desenvolvimento que diferencia as revoluções nos impérios e as formas de constituição do capitalismo nas colônias e semi-colônias, por meio de identificados processos duais³. Um avanço da luta de classes, identificada por Marx, para o imperialismo.

Invoca ainda que o socialismo também carece de bases materiais para sua constituição e que a realidade demonstra que a construção e modelação de governos de esquerda encontram riscos no papel desempenhado pela burguesia empresarial nascente⁴, quando essa fração de classe acessa a gestão pública e ocupa um papel político que se direciona à acumulação de capital por meio do desencadeamento de processos de corrupção através do uso do próprio poder e da gestão dos diversos mecanismos estatais.

A investigação busca ainda contrapor sofismas, apostasias marxistas, o marxismo de salão⁵, o campo teórico e metodológico anti-empírico e a estratégia de utilização de metáforas para “atualizar” o rigor do pensamento marxista-leninista e/ou avançar em sua perspectiva sem a necessária análise da concretude. Rejeita o termo globalização ao ser fiel à definição do imperialismo como a fase “superior” (ou final) do capitalismo. Ou seja,

³ A dualidade básica da economia como desvenda Rangel (2012) no caso do Brasil e a compreensão do exercício do capitalismo nesse mesmo modelo em outros países a partir dessa própria teoria, como no estudo de Coelho (2023) sobre a formação sócio-espacial do México.

⁴ “São muito mais perigosos do que se imagina, o que coloca mérito no posicionamento de Putin na Rússia de hoje” (Mamigonian, 2024).

⁵ Modas conjunturais traduzidas em movimentos que não são seriamente comprometidos com o materialismo histórico-dialético (Mamigonian, 2019).

um estudo que se debruça sobre a teoria leninista aplicada ao desenvolvimento brasileiro e de um dos seus estados subnacionais, e, assim como, coloca luz para compreender a complexidade do modelo chinês.

O estudo utiliza o rigoroso pensamento leninista em sua forma teórica-metodológica sobre a temática formas de desenvolvimento, compondo as suas mais diversas escalas da nação passando por regiões e chegando aos territórios e lugares. Contempla também a contemporaneidade de uma abordagem histórica e sua aplicação assumida como fundamental ao tempo presente na interpretação do papel exercido pelos impérios e as consequentes reações das colônias e semi-colônias através das vias de transição de modos de produção verificadas em exemplos mundiais e nacionais com suas particularidades e, notadamente, inseridas na própria dinâmica geopolítica de ontem e de hoje.

Além disso, os casos da China, do Brasil e do estado de Santa Catarina são apresentados para demonstrar a força da teoria marxista-leninista como singular fonte de interpretação da realidade através das categorias modo de produção (Marx), vias de desenvolvimento (Lenin) e dualidade e pactos de poder (Ignacio Rangel). Integra, conjuntamente, esse processo de análise o conceito de formação social de Marx, utilizado por Santos (1977) para construir um método amplamente adotado nas ciências sociais por meio da consagrada teoria denominada como formação sócio-espacial, que reconhece a prevalência e força da dinâmica produtiva na configuração e na dinâmica dos espaços.

2 Nova fase no modelo socialista chinês

No século XVIII, Smith (2016) percebeu dois principais modelos de desenvolvimento. Os limites da lógica Europeia, que de forma acelerada se baseava em conquistar territórios para sua expansão econômica; e o caso da China⁶ que se desenvolvia de forma gradual e lenta assumida como um tipo de “via natural” e um “caminho extrovertido da Revolução Industrial”. Citando o caso chinês, o autor considera adequado o caminho de formação a partir da agricultura, cidades e comércio interno para apenas depois promover o comércio internacional. Já o modo europeu priorizava o mercado externo através da industrialização e, posteriormente, o desenvolvimento das atividades camponesas. Lembra o autor ainda que a China reconheceu o Oeste Norte-americano um século antes da Inglaterra, resolvendo não explorar esse território fruto de sua distinta visão cósmica e sua cultura particular de relações entre nações (Arrighi,

⁶ “A China é um país muito mais rico que qualquer região da Europa.” (Smith *in* Arrighi, 2008, p. 41). O autor já apontava que a Europa estaria distante da competição perfeita.

2008). Para Smith o caminho de formação deveria dispensar a força (guerra), modelo que para ele não poderia prevalecer com constante sucesso econômico ao longo da história.

Para compreender essas dinâmicas socioeconômicas e esses processos de formação das sociedades, Marx desenvolve o conceito de modo de produção (prevalente) como forma de organização econômica para produzir os bens materiais e culturais em estados-nação, categoria do materialismo histórico. Dois elementos formam esse modelo: as forças produtivas; e as relações de produção (Marx, 2017). Entre eles estão identificados diversos modos de produção: Primitivo ou Tribal⁷; Germânico⁸; Asiático⁹; Escravista¹⁰; Feudal; Capitalista; Socialista e Comunista.

A China apresenta como modelos históricos o modo Asiático¹¹ e a transição, em curso, para o socialismo. Marx (2017) assinala com muita ênfase que a expropriação camponesa privilegiou não só as manufaturas capitalista das novas cidades produtoras fornecendo um exército de trabalhadores “livres”, como também aos arrendatários capitalistas do campo que se tornaram grandes geradores de renda fundiária apropriada pelas referidas cidades inglesas. Ou seja, o campo drenando riqueza para a cidade por meio das atividades agrícolas.

Mamigonian (2008) recorda que as ideias marxistas e leninistas são responsáveis pela ascensão da China, logo após sua humilhação que entrou pelos séculos XIX e XX, período em que o país sofria um tipo de exploração sistemática externa com apoio inclusive de aliados internos e, por isso, vitimada pelo colonialismo e pelo imperialismo (Mamigonian, 2023). Nesses processos, e ao longo dos séculos, o país incorpora suas

⁷ Forma-se pela evolução espontânea da ampliação da família e dos casamentos entre famílias com característica nômade e baseado no espaço ambiental como fonte de subsistência (Marx, 1981).

⁸ Marx (1981) define a “Forma Germânica” como autossuficiente em comunidades com condições naturais de trabalho. Nesse caso, a apropriação da terra se condiciona a fatores geoclimáticos e sócio-históricos em condições objetivas de trabalho como sendo próprias condições da família dona da terra. O modelo difere do asiático ao não identificar a copropriedade da terra com as frações de terra pertencentes à comunidade (gleba) e que podem ser exploradas enquanto seus próprios “exploradores” forem da comunidade.

⁹ Agricultura baseada na irrigação por meio do controle de fluxos dos rios, que poderiam ligar áreas em razão dos solos férteis voltados para a produção de grãos e a criação de animais. O controle dos fluxos dos rios pela irrigação era promovido pelo Estado (burocratizado e teocratizado) da época, o que contribuiu com a formação social e cultural dessas civilizações. Esse tipo de agricultura perdurou por cerca de quatro mil anos (Franco; Chacon, 1978).

¹⁰ Conglomerados urbanos de proprietários de terras voltados à agricultura, com pouca incidência de artesãos, mercadores e negociantes. A classe dominante eram os proprietários agrários independentemente do modelo político. Assume forma absoluta (perda de liberdade dos escravizados), com sua aplicação em escala e participação do Estado (Anderson, 2000).

¹¹ A administração pública e as comunidades camponesas se opunham e se completavam, numa dialética das relações de produção e forças produtivas (Mamigonian, 2008).

ideias primitivas distanciando-se de modelos religiosos do Ocidente, mantendo-se em bases filosóficas mais sólidas, onde a diplomacia é perseguida e, portanto, com tendência menos belicosa¹².

Ao analisar a ascensão chinesa a partir do século XX, o geógrafo enfatiza a associação à decadência Ocidental movida pelo capitalismo (Mamigonian, 2023), crise que, pela Teoria dos Ciclos Longos (Kondratieff), demonstra-se na longa fase descendente desde 1973 (Rangel, 2012) até os dias atuais, inserida no lento engendramento da Terceira Revolução Industrial¹³ ainda incompleta nos dias atuais. Ressalta ainda que a transição do feudalismo para o capitalismo foi um fenômeno Europeu, mas que o processo do capitalismo para o socialismo se dá em escala mundial com destacado caráter anti-imperialista. Lembrando o pensamento de Ignacio Rangel, mostra ainda que a disputa EUA-China faz parte da transição para o socialismo, nesse momento com vantagem da China, com maior capacidade de promover os investimentos sociais exigidos para o crescimento; como através do processo de diminuição da jornada de trabalho, posicionamento que encontraria barreiras no Ocidente em razão da consequente perda de competitividade produtiva e a ganância míope de grande parte do mercado industrial do Ocidente.

Oliveira (2003) introduz um novo e importante elemento nas interpretações sobre a particularidade chinesa com a formação do quadro técnico de serviço público, advindo da base política do Partido Comunista da China (PCCh). Distintamente do Ocidente, onde as elites acessam os espaços de poder, na China isso se dá pelo esforço e em camadas. Há um destacado cuidado com a formação e a atualização das pessoas, assumindo-se a prática como o critério para a verdade (p. 142) que se volta à intensa e extensa interação da sua economia com as redes produtivas globais (p. 158). Historicamente, as relações comerciais chinesas com os demais países se mostram tranquilas e construtivas (Oliveira, 2008).

Essas forças chinesas são destacadas por Kissinger (2011) em razão dos seus valores. Há uma sensível diferença entre basear-se no progresso (visão Ocidental), em contrapartida à perspectiva chinesa de desenvolvimento que parte do aprendizado. Ressalta o diplomata que se trata da formação de um Estado pacífico e unificado, mesmo diante das constantes ameaças e da exploração de modelo que coloca o mercado como

¹² O gasto militar é uma política anticíclica para o capitalismo Ocidental como apontou Rosa de Luxemburgo (Mamigonian, 2023).

¹³ A financeirização faz com que os capitais se voltem à ciranda do capitalismo virtual.

parceiro do Estado, mas não formaria a “face de uma mesma moeda”¹⁴ como se identifica no capitalismo. Para o diplomata, a história revelou que a estratégia geopolítica do país era flexível e adaptável e teve como alvo a integração com o Ocidente e, ao mesmo tempo, na sua dinâmica interna nunca dispensou reformas de base popular e em escala de representatividade democrática.

Kissinger enxergou ainda que o isolamento dos norte-americanos era um risco, assim como seu modelo bélico no contexto da ascensão pacífica chinesa, sustentada em sua filosofia moral. Embora o autor acreditasse que o modelo mundial do século XXI rejeitaria apenas um centro gravitacional, com potencial reação da comunidade internacional e que o crescimento chinês enfrentaria, a exemplo de outras nações, um processo de desaceleração — o que pode ser uma associação ao que é historicamente determinado no capitalismo: a natural dinâmica de oscilação dos ciclos econômicos, mesmo que o crescimento do PIB chinês se comporte singularmente em longa fase ascendente desde 1980.

Sua participação na relação com o mundo é constantemente crescente há cinco décadas, revelando uma distinção dos efeitos desse modelo socialista com o que se vê na alternância Capitalista identificada nos Ciclos Médios do estatístico francês Clement Juglar que trata do processo de acumulação capitalista nacional. Com isso, a China se apresenta ao mundo além de um Estado-nação, munida de valores universais com fortes raízes de uma grande e resistente civilização milenar que assume seu papel na dinâmica política e econômica sem negar seus princípios filosóficos confuciano e taoísta e, especialmente, os marxistas-leninistas¹⁵.

3 Sobre o desenvolvimento brasileiro

Três categorias importantes do marxismo (Marx, 2014; 2017), formação social; luta de classes; e totalidade avançam na perspectiva leninista. Lenin trata a formação socioeconômica como produto de múltiplas determinações e destacadamente associada à nova roupagem do capitalismo em sua nova e superior fase imperialista. Com isso, torna-se essencial e fundamental analisar as particularidades das vias de desenvolvimento de nações a partir de três categorias, sendo as duas primeiras as principais: (1) Via Revolucionária (ou Clássica); (2) Via Prussiana (ou Revolução Passiva); e (3) Via Comercial.

¹⁴ Termo de Marx.

¹⁵ “ (...) o país se expandiu por osmose cultural, não por zelo missionário.” (Kissinger, 211, p. 507).

Essa via de transição (feudalismo-capitalismo) foi antes apresentada por Marx¹⁶ (2017a), que definiu a Via Revolucionária (identificada na França, na Inglaterra¹⁷ e nos Estados Unidos) como derivada da acumulação de capital dos produtores (camponeses) que se tornam comerciantes (meio-manufatureiro e meio-mercador — Marx, 2017b) e organizam a produção em base capitalista substituindo o meio artesanal (Dobb, 1978).

Mamigonian (2019) destaca que Lenin comparou os dois principais caminhos de transição, assumidos como processos longos e não uniformes (Dobb, 1978), evidenciados na “economia rural”, chamando-os de: (a) Via Americana (estadunidense) e (b) Via Prussiana. A primeira se estrutura de “baixo para cima”, e a segunda, de “cima para baixo”. Em síntese, a Via Americana (Revolucionária), assim denominada por caracterizar principalmente a industrialização do nordeste dos Estados Unidos, como um processo produtivo revolucionário da burguesia inglesa¹⁸ que levou à superação do feudalismo, culminando na Revolução Industrial; já a Via Prussiana atinge o mesmo objetivo, mas sob a liderança de senhores feudais que se tornaram capitalistas, promovendo transições lentas, seguras e graduais (Prado Jr., 1970) para o novo modo de produção.

Com base nesses alicerces teóricos, Rangel (2012) apresenta a terceira dualidade brasileira como a Via Prussiana nacional. De 1930 a 1980 o país se industrializa a partir da revolução comandada por Getúlio Vargas. O processo destacou no polo interno brasileiro (modo de produção feudalista) uma unidade dialética de contrários que associou ao pacto de poder nacional o polo externo (capitalismo industrial nascente). Era também uma forma de transição lenta, segura e gradual que se deu por meio de substituição de importações (Rangel, 2012), quando o centro do sistema (polo externo) lidava com a crise que desembocou na Segunda Guerra Mundial e, em seguida, com os chamados “anos gloriosos” na fase ascendente do quarto ciclo de Kondratieff¹⁹.

Na compreensão dos pactos de poder no Brasil, considera-se que as classes sociais que compõem o polo interno da dualidade brasileira sempre representam o modo de

¹⁶ “Aliás, Marx no citado capítulo da acumulação primitiva e em alguns outros analisou a transição do feudalismo ao capitalismo, um exemplo de como o marxismo pode ajudar a geografia a aplicar o paradigma de formação social ou sócio-espacial como queria M. Santos, para entender o mundo, as nações e as regiões.” (Mamigonian, 2019, p. 22) – Dobb (1978), citando Marx no mesmo *Capital III* (Capítulo 20), concorda que essa transição foi suportada por meio da acumulação de capital.

¹⁷ Hobsbawn (1995) destaca que a Inglaterra não era um estado burguês, mas sim uma oligarquia de aristocratas proprietários de terras liderada por um núcleo da nobreza que se autoperpetua em torno de cerca de 200 pessoas. Um modelo de ligações matrimoniais com o respaldo de duques.

¹⁸ Revolução puritana inglesa do século XVII e revolução francesa do século XVIII (Mamigonian, 2019).

¹⁹ Ciclo econômico mundial longo, de mais ou menos 50 anos de duração que possui suas fases ascendentes e descendentes. Os ciclos são o próprio capitalismo, expresso por esses movimentos periódicos. Desde meados da década de 1970, o capitalismo evidencia a sua maior crise superando os períodos descendentes anteriores de mais ou menos 25 anos e atingindo, já em 2023, o dobro desse tempo.

produção mais atrasado do que aquele vigente no centro do sistema econômico mundial. Com isso, desde a Independência (1822) a formação brasileira passou por revoluções pela metade, rompendo alternadamente ora com o polo interno (lideranças econômicas nacional), ora com o polo externo (centro do sistema); e, inversamente mantém ativo o outro polo da dualidade básica da economia e sociedade. É importante lembrar que a ruptura (passagem de uma dualidade para outra) ocorre nas fases depressivas dos ciclos longos, quando as forças vinculadas ao polo externo perdem seu dinamismo econômico e, conseqüentemente, também o político.

No conceito de Via Prussiana aplicado ao caso brasileiro, tem-se então um certo fortalecimento do Estado, capturado por forças políticas em apostasia produzida através do pacto de poder liberal que dilapidou o projeto nacional de desenvolvimento inaugurado por Getúlio Vargas. Reconhecido como debilitado pelo *déficit* em suas contas, o Estado se ressentia de parcerias com o setor privado para promover novas infraestruturas através dos serviços de utilidade pública. Em 1930, setores ligados ao mercado interno assumiram a hegemonia: a unidade das oligarquias agrárias regionais se voltou para o mercado interno e os industriais lideraram o processo de desenvolvimento (Mamigonian, 1990).

Como exemplos dessa realidade em primeiro lugar temos o Nordeste brasileiro com a Via Comercial, especialmente nas capitais portuárias de estados subnacionais. Nos vales atlânticos e do interior florestados do Sul do Brasil e do território paulista, a Via Revolucionária teve todos os ingredientes para promover dinâmico surto desenvolvimentista. No Sertão Nordestino, em Minas Gerais e nas áreas de campo do Planalto e do Pampa do Sul, a Via Prussiana foi levada a efeito pelos senhores de terras como lideranças políticas hegemônicas na referida terceira dualidade. O pacto entre os proprietários de terra com a burguesia industrial nascente, em suas várias matizes regionais, promoveram com grande êxito a industrialização brasileira e, portanto, o estabelecimento das relações capitalistas de produção.

No país, durante o quarto ciclo, a quarta dualidade não se completa²⁰. Souza (2010) enfatiza que a revolução burguesa também não se consolida (trabalhadores rurais e urbanos não se associam ao processo), o latifúndio se transforma em empresa agrária, cujo relação com o capital financeiro engendra o processo de desindustrialização. Com isso, como bem identificou Rangel (2012), conclui-se que a constituição do capitalismo brasileiro é fruto de um acordo entre frações de classes econômicas dominantes e hegemônicas.

²⁰ A ideia Cepalina assumida por Celso Furtado de que a periferia do sistema seria pré-capitalista não se sustenta (Mamigonian, 1990). O Brasil forma seu edifício industrial completo de 1930 a 1980.

4 Os pactos de poder em Santa Catarina

Em Santa Catarina identificam-se vias combinadas de desenvolvimento na transição do feudalismo para o capitalismo, assim como os casos da URSS, da China, do Vietnã e da Coreia do Norte. Bastos (2021) resume a formação industrial catarinense da seguinte forma: (a) ausência de tradição escravista e menor papel latifundiário; distanciamento do mercado consumidor e das matérias-primas; (b) relevo movimentado que isolou as regiões (poucas relações inter-regionais) com fundamental papel dos portos locais e das estradas de ferro; (c) movimento próprio com menor influência do capital comercial agroexportador, como em cidades portuárias brasileiras de outros estados; (d) estrutura com baixa resistência para sua constituição e forte papel da livre iniciativa local; e (e) uma colonização baseada na pequena propriedade mercantil diversificada e no sistema colônia-venda.

O desenvolvimento do capitalismo no estado, a partir da pequena propriedade que se molda na indústria mecanizada, encontra convergência com os estudos leninistas sobre o próprio desenvolvimento da Rússia (Lenin, 1982), quando se identificou que vários grandes produtores nasceram pequenos (Rocha; Vieira, 2015). Em algumas localidades, o desenvolvimento capitalista provoca redução das oficinas artesanais e aumento das fábricas, uma fase superior da indústria que origina uma cooperação capitalista simples e concentração da oferta de trabalho a partir da pequena propriedade.

Nesse contexto de formação, ao analisar os desdobramentos da Revolução de 1930²¹ em Santa Catarina, identifica-se que há o “comando prussiano” do Estado atestando uma união dialética dos proprietários de terra do Planalto com os capitalistas oriundos das pequenas propriedades mercantis da fachada Atlântica, destacados regionalmente para assumirem o comando político estadual e o municipal. Getúlio Vargas comanda o fim da República Velha e assume o poder da federação nomeando interventores para comandar os estados subnacionais. A família Ramos, grande liderança latifundiária de Lages, é a protagonista no caso catarinense. O grau de especificidade, diversidade e “isolamento” regional catarinense, estado que tinha cerca de 60% do território ocupado por pequenas propriedade e cerca de 40% por latifúndios, impõe aos Ramos a busca por forças econômicas locais para instalar o comando político, pois necessitavam de pares em outras regiões onde não detinham o mesmo grau de protagonismo político.

²¹ Em Santa Catarina, Júlio Prestes (Konder-Bornhausen) foi mais votado que Vargas (Ramos). Com isso, a Revolução de 1930 altera a configuração de poder no Estado (May, 1998).

Um estado que cresceu industrialmente acima da média nacional²² de 1940 a 1980 através da formação desses grupos empresariais, incluindo parcerias como no caso da fundação da indústria de papel e celulose Olinkraft (Hering e família Bornhausen²³) em Otacílio Costa. Esses grupos formaram a Santinvest²⁴ para buscar controlar a Sidersul²⁵ e impedir que capitais de outros estados (como a Gerdau) explorassem as oportunidades catarinenses (Mamigonian, 1984). Antes, as sociedades entre importantes marcas empresariais já eram realidade: (i) Hering e Renaux compraram a empresa Força e Luz de Blumenau (1927) e formaram acordo (1934) para explorar madeira em Rio do Sul; (ii) em 1935 as famílias Konder, Bornhausen e Hering fundaram o primeiro banco de crédito (Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina) do estado e eram sócios na Pátria Companhia de Seguros e na Moinho Reunidas (May, 1998).

Outro exemplo foi a nomeação de Atílio Fontana do Grupo Sadia (hoje BRF) para prefeito de Concórdia (1950) com apoio dos Ramos, formando uma nova associação entre o capital comercial e o industrial. O empresário viria a ser Senador por Santa Catarina em 1962, depois de ser secretário da agricultura no governo de Celso Ramos e, em 1970 por voto indireto, foi eleito vice-governador na chapa encabeçada por Colombo Machado Salles. Em 1954 e 1958 foi eleito também Deputado Federal.

Para o comando político, unem-se proprietários de terra do Planalto, pequenas propriedades mercantis e comerciantes do litoral e encostas. O poder local catarinense tinha agentes econômicos principais (Renaux, Hering, Hoepcke e Konder) ligados por laços de parentesco, amizade e solidariedade nos negócios, numa estrutura que formou as suas redes empresariais. A participação de empresários na política catarinense é evidente desde o início do Período Republicano e se fortalece com o pacto de poder no Estado Novo, dando suporte às classes de comerciantes, banqueiros e industriais que eram ligadas entre si (May, 1998).

Com isso, são verificadas vias combinadas de desenvolvimento dirigidas pelo comando estatal (prussiano) num território sem uma identidade comum, que se realiza através da unidade política e econômica (capital industrial) na sua regionalidade e

²² Em 1940 o estado foi responsável por 1,8% da produção industrial com 2,9% da população e, em 1980, atingiu 4% da produção industrial e 3% da população (Mamigonian, 2011). Segundo dados da CNI, em 2020 esses indicadores avançaram: a produção industrial representou 5,3% na relação ao total nacional e, pela estimativa do IBGE, a população representava 3,5%.

²³ May (1998) identificou que o Vale do Itajaí (Konder-Bornhausen) e o Planalto Serrano (Ramos), mesmo durante a Primeira República (1889-1929), já coordenavam a vida política de Santa Catarina.

²⁴ Organização formada sob coordenação de Jorge Konder Bornhausen para atender demandas por recursos de fração do setor empresarial catarinense e formar sociedade com empresas de infraestrutura e de insumos (Silva, 1996; Goularti Filho, 2001).

²⁵ O objetivo era ter uma empresa de siderurgia no Sul do país para dar suporte ao processo de desenvolvimento industrial e limitar a entrada de capital de outros estados subnacionais brasileiros.

diversificação (Mamigonian, 1984). Vê-se constituída a terceira dualidade de Rangel (1999), que acontece com a chegada ao poder de camadas sociais nacionalistas formadas pela aliança de latifundiários (acumulação primitiva) e da burguesia industrial nascente (Bastos, 2000). Tais processos também se impõem na implantação de infraestruturas, como o caso das estradas de ferro no Vale do Itajaí e no Nordeste catarinense, a eletrificação industrial nas décadas de 1950 e 1960 (Mamigonian, 1974) e, mais recentemente (anos 2000), com a chegada das infraestruturas de transporte e distribuição de gás natural no território catarinense (Estrella, 2023).

5 Comentários finais

Mamigonian (2019) assinala que as Revoluções Socialistas do século XX²⁶ combinaram vias de desenvolvimento. Considerados pelo autor como os “mais radicais de todos” (p. 33) e nascidos pela Via Revolucionária, os movimentos adotam também a Via Prussiana em razão da resistência imperialista ao socialismo, exemplificados por invasões, destruições e imposição de atraso econômico — a opção pela combinação se coloca pela crise cíclica do capitalismo (Mamigonian, 2011). O autor lembra ainda que, para Gramsci, a Via Prussiana (Revolução Passiva) Socialista seria liderada pelo “Moderno Príncipe”, personalizado no Partido Revolucionário preparado e qualificado em posição dialética (mediação dos intelectuais da classe ascendente) intermediária (Neres, 2012) — na China essa realidade se viabiliza há mais de sete décadas com o PCCh.

Sobre o socialismo, demonstrou-se que sem bases materiais sua constituição sofre atraso ou se inviabiliza, como no caso de Cuba e nos insucessos das tentativas revolucionárias comandadas na América do Sul por Che Guevara. No caso da ex-URSS as bases materiais foram afetadas pela gigantesca burocratização, desvalorização das relações de trabalho e forçada constituição de uma ilusão típica estadunidense através da “guerra nas estrelas”. Quanto à China metáforas da atualidade a colocam como uma nova formação socioeconômica. Dispensado essas metáforas, assume-se que os processos de desenvolvimento dentro de suas particularidades se categorizam nas três vias definidas por Lenin como assinalado. Afinal, como apresentado, o PCCh (Partido Revolucionário) se apresenta, em nova roupagem (Moderno Príncipe), como o Príncipe de Maquiavel (Armen, 2011).

No capitalismo brasileiro e catarinense Rangel (2012), no uso do seu indispensável marxismo-leninismo, deixa marcado a categoria pactos de poder que revela a associação

²⁶ Com a vitória da Revolução Bolchevique de 1917 na Rússia, o Mundo vivencia um período de transição do capitalismo ao socialismo (Mamigonian, 2018).

e a unidade de contrários nos processos de industrialização nacional e regional com papel de atores internos e externos nesse processo. Não à toa a teoria da dualidade lhe conferiu o título de economista e a aplicação das suas ideias ajudaram o país a promover seu caminho de desenvolvimento com a criação de mecanismos e empresas importantes como a Companhia Siderúrgica Nacional (1941), a CSN; a Petrobras (1953); o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (1952), o BNDE atual BNDES; e a Eletrobras (1962);

Referências

ANDERSON, Perry. *Passagens da antiguidade clássica ao feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do Século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008.

BASTOS, José Messias. Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na Ilha de Santa Catarina. In: SANTOS, M. A. *Ensaio sobre Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

BASTOS, José Messias. *A industrialização catarinense*. Florianópolis: 24 jun. 2021. Gravador do iPhone. Entrevista concedida ao pesquisador Leonardo Mosimann Estrella. 01:24:54.

COELHO, João Vitor Sandri. *O desenvolvimento do capitalismo no México: da dualidade básica ao neoliberalismo*. 163 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

DOBB, Maurice. A reply. In: *The transition from feudalism to capitalism*. London: Unwin Brothers Limited, 1978.

ESTRELLA, Leonardo Mosimann. *Gás Natural em Santa Catarina: uma análise crítica da concessão do serviço*. 1 ed. Florianópolis: Instituto Ignacio Rangel, 2023.

FRANCO Jr., Hilário, CHACON, Paulo Pan. *História econômica geral*. São Paulo: Atlas, 1978.

GOULARTI FILHO, Alcides. *Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina*. 401 f. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

HOBBSMAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KISSINGER, Henry. *Sobre a China*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LENIN, Vladimir Ilich. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Rio de Janeiro: Vitória, 1947.

LENIN, Vladimir Ilich. *Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura*. São Paulo: Brasil Debates, 1980.

LENIN, Vladimir Ilich. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. [Os Economistas]

LENIN, Vladimir Ilyich. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

LENIN, Vladimir Ilyich. *Quem são os “amigos do povo” e como lutam contra os social-democratas?* São Paulo: Lavra Palavra: 2022.

MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre as indústrias de eletricidade em Santa Catarina. *Boletim Departamento de Geografia*, Presidente Prudente, n. 4-6, 1974.

MAMIGONIAN, Armen. Tecnologia e desenvolvimento desigual no centro do sistema capitalista. *Revista Ciências Humanas*, v. 1, n. 2, 1981.

MAMIGONIAN, Armen. [Correspondência]. Destinatários: Nazareno José de Campos e José Messias Bastos. São José, 10 mar. 1984. carta pessoal.

MAMIGONIAN, Armen. Industrialização da América Latina: o caso brasileiro. *Orientação*, n. 8, p. 79-83. 1990.

MAMIGONIAN, Armen. A Geografia e a formação social como teoria e como método. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (org). *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MAMIGONIAN, Armen. As bases naturais e sociais da civilização chinesa. In: MAMIGONIAN, Armen; BASTOS, José Messias (org.). Dossiê Ásia-China 1. Geografia Econômica. *Anais de Geografia Econômica Social*, UFSC, 1 ed., jul, 2008b.

MAMIGONIAN, Armen. A indústria de Santa Catarina: dinamismo e estrangulamento. In: MAMIGONIAN, Armen et al. (Org). *Santa Catarina: estudos da geografia econômica e social*. Florianópolis: UFSC, 2011. (Série Livros Geográficos, n. 4)

MAMIGONIAN, Armen. O mundo no final do século XX e início do século XXI. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 100 (Edição Comemorativa), 2018.

MAMIGONIAN, Armen. Visão geográfica do Brasil atual: Estado, crises e desenvolvimento regional. Foz do Iguaçu: *Revista Latino-Americana de Geografia Econômica e Social*, v. 1, n. 1, jul-dez, 2019.

MAMIGONIAN, Armen. A ascensão da China e a rivalidade com os EUA. In: MARTIN, André et al. (org.). *Quando eu acordei o Dragão estava lá: a geografia da China no século XXI*. São Paulo: Hucitec, 2023.

MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

MARX, Karl. *O capital: a crítica a economia política: livro II: o processo de circulação do capital*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. *O capital: a crítica a economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MAY, Patrícia Zumbkick Santos. *Redes político-empresariais de Santa Catarina (1961-1970)*. 182 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

NERES, Geraldo Magela. *Gramsci e o “Moderno Príncipe”*: a teoria do partido no Caderno de Cárceres. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

OLIVEIRA, Amaury Porto de. Governando a China: a quarta geração de dirigentes assume o controle da modernização. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 46, n. 1, p. 138-160, 2003.

OLIVEIRA, Amaury Porto de. O Vietnã volta a estar em foco In: MAMIGONIAN, Armen; BASTOS, José Messias. *Anais de Geografia Econômica e Social: Dossiê Ásia/China*. Florianópolis: UFSC, 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica brasileira*. ed. 26. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

RANGEL, Ignacio de Mourão. *Dualidade básica da economia brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bial: Textos Brasileiros de Economia, 1999.

RANGEL, Ignacio de Mourão. *Ignácio Rangel: Obras Reunidas*. v. 1/2. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2012.

ROCHA, Isa de Oliveira; VIERIA, Maria Graciana Espellet de Deus; SCHMITZ, Gabriela Miqueloto. A pequena produção mercantil: notas comparativas entre Massachusetts (EUA) e Santa Catarina (BR). In: BASTOS, José Messias; MACHADO, Edson de Moraes (Org). *Formação sócio-espacial: o que é isto? Caderno geográficos*, n. 34, p. 245-264, dez. 2015.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 54, p. 81-99, jul, 1977.

SILVA, Valdir Alvim da. *Poder político e políticas públicas: inventário político do poder oligárquico em Santa Catarina: uma história de dominação*. 334 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

SOUZA, Antônia de Abreu. O conceito gramsciano de Revolução Passiva e o estado brasileiro. *Revista Labor*, n. 3, v. 1, jan-dez. 2010.